

ENEGRECENDO A ACADEMIA E AS ARTES

Diálogos sobre racismo epistêmico,
ensino antirracista, feminismos
negros e povos subalternizados

PEMBROKE COLLINS

CONSELHO EDITORIAL

PRESIDÊNCIA Felipe Dutra Asensi

CONSELHEIROS Adolfo Mamoru Nishiyama (UNIP, São Paulo)
Adriano Moura da Fonseca Pinto (UNESA, Rio de Janeiro)
Adriano Rosa (USU, Rio de Janeiro)
Alessandra T. Bentes Vivas (DPRJ, Rio de Janeiro)
Arthur Bezerra de Souza Junior (UNINOVE, São Paulo)
Aura Helena Peñas Felizzola (Universidad de Santo Tomás, Colômbia)
Carlos Mourão (PGM, São Paulo)
Claudio Joel B. Lossio (Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal)
Coriolano de Almeida Camargo (UPM, São Paulo)
Daniel Giotti de Paula (INTEJUR, Juiz de Fora)
Danielle Medeiro da Silva de Araújo (UFSB, Porto Seguro)
Denise Mercedes N. N. Lopes Salles (UNILASSALE, Niterói)
Diogo de Castro Ferreira (IDT, Juiz de Fora)
Douglas Castro (Foundation for Law and International Affairs, Estados Unidos)
Elaine Teixeira Rabello (UERJ, Rio de Janeiro)
Glaucia Ribeiro (UEA, Manaus)
Isabelle Dias Carneiro Santos (UFMS, Campo Grande)
Jonathan Regis (UNIVALI, Itajaí)
Julian Mora Aliseda (Universidad de Extremadura, Espanha)
Leila Aparecida Chevchuk de Oliveira (TRT 2ª Região, São Paulo)
Luciano Nascimento (UEPB, João Pessoa)
Luiz Renato Telles Otaviano (UFMS, Três Lagoas)
Marcelo Pereira de Almeida (UFF, Niterói)
Marcia Cavalcanti (USU, Rio de Janeiro)
Marcio de Oliveira Caldas (FBT, Porto Alegre)
Matheus Marapodi dos Passos (Universidade de Coimbra, Portugal)
Omar Toledo Toribio (Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Peru)
Ricardo Medeiros Pimenta (IBICT, Rio de Janeiro)
Rogério Borba (UVA, Rio de Janeiro)
Rosangela Tremel (UNISUL, Florianópolis)
Roseni Pinheiro (UERJ, Rio de Janeiro)
Sergio de Souza Salles (UCP, Petrópolis)
Telson Pires (Faculdade Lusófona, Brasil)
Thiago Rodrigues Pereira (Novo Liceu, Portugal)
Vania Siciliano Aieta (UERJ, Rio de Janeiro)

Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo
Eva Dayane Almeida de Góes
Walkyria Chagas da Silva Santos
Maria do Carmo Rebouças dos Santos
Richard Santos

ORGANIZADORES

ENEGRECENDO A ACADEMIA E AS ARTES

Diálogos sobre racismo epistêmico,
ensino antirracista, feminismos
negros e povos subalternizados

II Colóquio de Pesquisa Negra
Contemporânea

Jornada do Novembro Negro

Grupo de Pesquisa Pensamento Negro
Contemporâneo

Coletivo Dandaras

Programa de Pós-graduação em Ensino e
Relações Étnico-raciais

Coordenação:

Profa. Dra. Maria do Carmo
Rebouças dos Santos

Prof. Dr. Richard Santos

PEMBROKE
COLLINS

BOOKS & EDUCATION

PEMBROKE COLLINS
Rio de Janeiro, 2022

Copyright © 2022

Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo, Eva Dayane Almeida de Góes,
Walkyria Chagas da Silva Santos, Maria do Carmo Rebouças dos Santos, Richard Santos
(organizadores)

DIREÇÃO EDITORIAL Felipe Asensi

EDIÇÃO E EDITORAÇÃO Felipe Asensi

REVISÃO Coordenação Editorial Pembroke Collins

PROJETO GRÁFICO E CAPA Diniz Gomes

DIAGRAMAÇÃO Diniz Gomes

DIREITOS RESERVADOS A

PEMBROKE COLLINS

Rua Pedro Primeiro, 07/606
20060-050 / Rio de Janeiro, RJ
info@pembrokecollins.com
www.pembrokecollins.com

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da Editora.

FINANCIAMENTO

Este livro foi financiado pelo Conselho Internacional de Altos Estudos em Direito (CAED-Jus), pelo Conselho Internacional de Altos Estudos em Educação (CAEduca) e pela Pembroke Collins.

Todas as obras são submetidas ao processo de peer view em formato double blind pela Editora e, no caso de Coletânea, também pelos Organizadores.

E56

Enegrecendo a academia e as artes: diálogos sobre racismo epistêmico, ensino antirracista, feminismos negros e povos subalternizados / Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo... [et al.] (organizadores). – Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2022.

246 p.

ISBN 978-65-89891-59-8

1. Racismo. 2. Antirracismo. 3. Feminismos negros. 4. Etnia. 5. Academia. 6. Arte. I. Araújo, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de (org.). II. Góes, Eva Dayane Almeida de (org.). III. Santos, Walkyria Chagas da Silva (org.). IV. Santos, Maria do Carmo Rebouças dos (org.). V. Santos, Richard (org.).

CDD 305.8

COMISSÃO CIENTÍFICA

Carolina Bessa Ferreira de Oliveira (PPGER-UFSB)

Célia Souza da Costa (Coletivo Dandaras/PUC-PR)

Ceila Sales de Almeida (Coletivo Dandaras/UFSB/UNEB)

Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito (PPGER-UFSB)

Helen Dalila Araujo Esquivel (Coletivo Dandaras/PPGER-UFSB)

Lidyane Maria Ferreira de Souza (UFSB)

Mirian Santos Lima (Coletivo Dandaras/PPGER-UFSB)

Nayanne Lima Alves (Coletivo Dandaras/UFAL)

Peterson Trindade dos Santos (Coletivo Dandaras/IFGOIANO)

Sarah Carime Braga Santana (Coletivo Dandaras/UFU)

Vera Lúcia da Silva (Coletivo Dandaras/PPGES-UFSB)

Verônica de Souza Santos (IFBA)

Victória Sara de Arruda (Coletivo Dandaras/PPGE-UNESP -Campus Rio Claro)

Tássio Ferreira (UFSB)

Revisora

Barbara Delgado Azevedo (Coletivo Dandaras/UFJF)

SUMÁRIO

PREFÁCIO I.....	13
PREFÁCIO II.....	17
DIÁLOGOS COM O COLETIVO DANDARAS.....	21
DANDARAS: PENSANDO A (DES) CONSTRUÇÃO DE SABERES A PARTIR DE NOVOS PARADIGMAS NA UFSB.....	23
<i>Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo</i>	
<i>Eva Dayane Almeida de Góes</i>	
<i>Walkyria Chagas da Silva Santos</i>	
DANDARAS: NO CAMINHO PARA ENEGRECER A ACADEMIA, COLETIVAMENTE.....	34
<i>Ceila Sales de Almeida</i>	
<i>Célia Souza da Costa</i>	
<i>Vera Lucia da Silva</i>	
CAPÍTULO 1 - RACISMO EPISTÊMICO, EPISTEMOLOGIAS DO SUL E AFROCENTRADAS.....	39.
POR UM FEMINISMO DECOLONIAL: EMERGÊNCIA DE UM FEMINISMO NEGRO DE GUINÉ-BISSAU.....	41
<i>Betinha Yadira Augusto Bidemy</i>	
<i>AFÉFÉ JE OBIRIN... PELO ENCANTO DA VOZ D. MARIA PADILHA ENSINOU.....</i>	<i>47</i>
<i>Mailson de Moraes Soares</i>	
A CULTURA CONTRA HEGEMÔNICA E DECOLONIAL DO CRIAR-SABER-FAZER DAS LOUCEIRAS DO MARUANUM (AMAPÁ/BRASIL).....	61
<i>Célia Souza da Costa</i>	

MAKEDA E MAAT'S: POR UMA (NOVA) HISTÓRIA DO MOVIMENTO CULTURAL HIP HOP.....	66
<i>Veronica de Souza Santos (IFBA)</i>	
CLÓVIS MOURA - UM INTELLECTUAL MEDIADOR DO ATLÂNTICO NEGRO.....	72
<i>Richard Santos</i>	
<i>Maria do Carmo Rebouças dos Santos</i>	
CAPÍTULO 2- EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS INSURGENTES.....	83
O FÓRUM NEGRO DE ARTE E CULTURA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA UNIVERSIDADE: UMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA.....	85
<i>Ana Cristina Santos Souza (Zaê)</i>	
ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: ENTRE DIREITOS E PRÁTICAS.....	105
<i>Carolina Bessa Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito</i>	
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA PELA LUDICIDADE DO JONGO.....	110
<i>Margareth dos Anjos Santos</i>	
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA PELA LUDICIDADE DO JONGO.....	127
<i>Margareth dos Anjos Santos</i>	
DE PÉ RAÇA PODEROSA! RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NO EVENTO "NEGRO ENTOOU: CHEGA DE RACISMO" NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA.....	133
<i>Pedro Henrique Monteiro da Silva</i>	
<i>Kaline Gonçalves Silva</i>	
O DIREITO À EDUCAÇÃO CRÍTICO-REFLETIVA PARA O ENFRENTAMENTO AO RACISMO.....	139
<i>Zainne Oliveira do Rosario</i>	
<i>Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo</i>	
ECA: ENTRES (DES)CRIMINALIZAÇÕES DO GRAFFITI PARA "MINAS" PRETAS....	144
<i>Victória Sara de Arruda</i>	
<i>Kelly Marques dos Santos</i>	

CAPÍTULO 3 - ENEGRECENDO A ACADEMIA ATRAVÉS DAS ARTES.....151

SLAM: UMA POÉTICA ARTÍSTICA-POLÍTICA DE RESISTÊNCIA..... 153

Ananda Stephany Rocha Torquato

Éder Rodrigues da Silva

AFROFUTURISMO E CULTURA DE RESISTÊNCIA EM HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS BRASILEIRAS.....174

Edmilson Forte Miranda Júnior

"AS ANDORINHAS" DE PAULINA CHIZIANE: UMA APOSTA DE VIDA.....182

Vera Lúcia da Silva

CAPÍTULO 4 - FEMINISMOS NEGROS E CORPOS DISSIDENTES..... 189

NAS TELAS DO PLIM PLIM: ANALISANDO A PERSONAGEM CIDO EM O
OUTRO LADO DO PARAÍSO.....191

Artur Silva Almeida

MATRIPOTÊNCIA E ESPÍRITO DE AGÊNCIA NOS SABERES ANCESTRAIS
DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE HELVÉCIA-BA.....215

Ceila Sales de Almeida

MULHERES NEGRAS: DESAFIOS E INSERÇÃO NO MERCADO DE
TRABALHO EDUCACIONAL.....222

Gilmária da Cruz Menezes

Iraildes Bianco Santos

Liziane Silva Rodrigues

RACIALIZANDO O SUJEITO NO ENSINO JURÍDICO.....239

Lidyane Maria Ferreira de Souza

AFROFUTURISMO E CULTURA DE RESISTÊNCIA EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS BRASILEIRAS

*Edmilson Forte Miranda Júnior*⁸⁰

INTRODUÇÃO⁸¹

A imagem do povo negro em narrativas de Histórias em Quadrinhos afrofuturistas é o foco da pesquisa que aqui se apresenta. Nesse recorte, percebo que o pensamento hegemônico⁸² – marcado pelo colonialismo – vê o negro de um jeito e o Afrofuturismo propõe ver de outro, mais positivo, não mais um subalterno. Esse negro, na proposta afrofuturista, é protago-

80 Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Brasil e Doutorando no Programa de Estudos Culturais do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal. E-mail: edmilson.miranda@ua.pt

81 Por conta do espaço limitado o Referencial Teórico será diluído ao longo do texto e em todos os tópicos.

82 Refiro-me ao que Gramsci entende em seu livro *Cadernos do cárcere. Volume 1: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce* como a “Hegemonia da cultura ocidental sobre toda a cultura mundial” (GRAMSCI, 1999, p. 263). Trata-se de um dos efeitos dos processos históricos de construção do pensamento europeu da modernidade, pensamento dominante que unifica os discursos e dita a conduta dos povos inseridos no que chama de civilização mundial unificada hierarquicamente (GRAMSCI, 1999, p. 263–264). Esse pensamento carrega consigo o conjunto de práticas e discursos que são construídos durante o período colonial e se atualizam em outras práticas e discursos herdeiros desse colonialismo.

nista e traz consigo elementos de diferentes culturas cuja origem remete às tradições africanas, reposicionando também aspectos religiosos e estéticos, reapresentados em uma imagem diferente do que até então fora comum em narrativas dos mais diferentes gêneros na cultura de massa.

O Afrofuturismo é aqui entendido como o conjunto de expressões estéticas marcadas por uma contundente crítica sobre a questão racial, cujo termo é cunhado nos Estados Unidos (DERY, 1994) e se espalha como uma cultura de resistência em diferentes países. Segundo Lisa Yaszek (2013) podemos entender o Afrofuturismo como “uma ficção especulativa ou ficção científica escrita por autores afrodiáspóricos e africanos”⁸³ (YASZEK, 2013, p. 1, tradução minha)⁸⁴ que por quase duzentos anos dramatizaram a questão racial inventando um futuro brilhante para pessoas de cor vivendo um mundo tecnocultural, futuro que surge de mudanças científicas e sociais (*ibidem*, p. 1). Para a autora trata-se de um “movimento estético global que abrange arte, cinema, literatura, música e estudos acadêmicos”⁸⁵ (*ibid.*, p. 1).

Proponho interpretar o Afrofuturismo como expressão do pensamento decolonial discutido por pensadores como Ramón Grosfoguel (2009), Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2018) e Catherine E. Walsh (2018). Pensamento esse que visa questionar um conjunto de epistemologias que formam a “matriz (colonial) criada por uma minoria da espécie humana” e que “rege a vida da maioria da espécie humana”⁸⁶ (MIGNOLO; WALSH, 2018, p. 114). Trata-se de uma perspectiva alternativa para a relação entre o tradicional e o contemporâneo em culturas que questionam esses pressupostos. Seria a desconstrução de visões

83 No original: *First, let me give you a working definition of the term. Afrofuturism is speculative fiction or science fiction written by both Afrodiasporic and African authors.* (YASZEK, 2013, p. 1)

84 Todas as traduções do inglês são minhas. E o texto original será indicado em notas de rodapé.

85 No original: *It's a global aesthetic movement that encompasses art, film, literature, music, and scholarship.* (YASZEK, 2013, p. 1).

86 No original: *The matrix (colonial) created by a minority of the human species rules the life of the majority of the human species.* (MIGNOLO; WALSH, 2018, p. 114).

estabelecidas e a construção de novas, contra-hegemônicas. No caso do Afrofuturismo essa nova visão fala do passado, presente e futuro do povo negro, e de novos processos de subjetivação formados a partir disso. A intenção é relacionar esse fenômeno cultural cuja essência busca superar o racismo, com uma mídia que atravessou e ainda atravessa um processo de legitimação cultural – as Histórias em Quadrinhos⁸⁷; em um país cuja maioria da população é negra – o Brasil⁸⁸.

Portanto, minha pesquisa propõe um mapeamento das Histórias em Quadrinhos afrofuturistas no Brasil a partir de autores e artistas que produzam sobre o tema do afrofuturo e da cultura de resistência em outras áreas e expressões artísticas. Pretende-se com isso analisar o contexto no qual as narrativas se apropriam do discurso pós-colonial e decolonial numa mudança de perspectiva sobre o que o negro representa no país.

METODOLOGIA

Para pôr em prática uma “ecologia de saberes” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 13) busco epistemologias fora do eixo eurocêntrico para orientar a metodologia da pesquisa. Simas & Rufino (2019) relacionam saberes despedaçados ao longo da experiência colonial que tiveram de se reconstruir “inventando terreiros, mundos, saberes/fazeres e poéticas/políticas” (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 35) para criar a sua “Pedagogia das encruzilhadas” (*ibidem*, p. 22); um “projeto político/epistemológico/educativo” que tem como finalidade enfrentar a lógica do racismo/colonialismo por meio da transgressão do cânone ocidental (*ibid.*, p. 22). Assumo a perspectiva fluida do “cruzo” e das

87 Como explica Éric Maigret (2012), a mídia passou por uma “viragem pós-legítima” nas sociedades ocidentais e tem se emancipado em espaços nos quais o conceito de “cultura legítima” reinou durante muito tempo.

88 Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE – até o segundo trimestre de 2019 – dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se assumem como pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos. O IBGE considera a população negra como a soma de pretos e pardos. Disponível em < <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403> > acesso dia 13 junho 2020.

“encruzilhadas” (*ibid.*, p. 116) para perceber características afrofuturistas que vão além da relação com a máquina e com o futuro. Destaca-se a crítica cultural a partir da revisão do passado (WOMACK, 2013, p. 9). Algo que, por sua vez, implica em um questionamento do presente e especulações sobre o futuro.

Essa pedagogia tem um agente capaz de empregá-la, o “pesquisador cambono” (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 39–40), aquele que “atua como um ‘faz tudo’ no terreiro” (*ibidem*, p. 37); para os autores, o cambono é o modelo para a prática do investigador que “opera, na interlocução, com todas as atividades que precedem os fazeres/saberes necessários para as aberturas de caminhos” (*idem*). Pretendo então me colocar como um pesquisador cambono no contato com os autores e com suas obras. A ideia é assumir que nossas conversas formam um conjunto valioso de informações e minha presença também influencia no conteúdo a ser colhido. Por isso, o formato de registro das entrevistas será o de *podcasts*. Os episódios em série – além de registro – funcionarão como uma narrativa dos encontros. Em seguida, juntam-se ao material de análise a ser colhido as Histórias em Quadrinhos propriamente ditas. Aqui o Afrofuturismo funcionará como régua delimitadora e lente focal buscando nas obras em si, no discurso dos autores e em seus processos criativos relações entre crítica cultural, revisão do passado e especulações sobre o futuro.

Para aplicação dessa metodologia proponho as seguintes ações:

1. Analisar Histórias em Quadrinhos produzidas no Brasil que correspondam ao conjunto de elementos que caracteriza o Afrofuturismo, segundo descrito por Ytasha Womack (2013): I. obras que utilizem elementos de ficção científica, ficção histórica, ficção especulativa, fantasia, Afrocentricidade ou realismo mágico reunidos a crenças não-ocidentais; II. obras que propõem crítica cultural a partir da revisão do passado e especulações sobre o futuro (WOMACK, 2013, p. 9).

2. Organizar um mapa identificando e listando as Histórias em Quadrinhos no Brasil que atendam às características do Afrofuturismo, seus autores e o período em que foram produzidas. A busca será feita com as palavras-chave “Afrofuturismo”, “Afrofuturo”, “Afrofuturista”, “o futuro é preto”, “utopia negra” e “resistência negra”, conforme pesqui-

sa em fontes de registro on-line como o guia dos quadrinhos⁸⁹ e outros bancos de dados de lojas especializadas, bibliotecas e livrarias brasileiras.

3. Registrar processos criativos de seus autores, e seus depoimentos a respeito de suas obras. Pretende-se registrar isso em diários de pesquisa e *podcasts*, cujos dados serão obtidos a partir de entrevistas com os mesmos e da compilação de outros depoimentos registrados em publicações impressas e on-line anteriores.

Cada uma das três ações funcionará como etapa do processo de investigação e serão marcadas por produções em texto reunindo as reflexões provenientes da experiência. Uma última etapa será a reunião de todo o material colhido e das reflexões produzidas, numa perspectiva de análise em retrocesso.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na fase inicial da pesquisa foi possível identificar três diferentes momentos da história do povo negro abordados por Histórias em Quadrinhos brasileiras: 1. uma releitura do passado durante a escravidão, na obra *Cumbe* de Marcelo D'Saete (2014); 2. o presente na história recente do povo negro, na obra *Roseira, Medalha, Engenho e outras histórias* de Jefferson Costa (2019); 3. e o futuro na obra *Contos dos Orixás* de Hugo Canuto (2019), divindades africanas desenhadas como os super-heróis norte-americanos dos anos 1960.

Em *Cumbe*, de Marcelo D'Saete (2014), o “protagonismo negro” e o “resgate de narrativas sequestradas” é discutido ao retratar a resistência dos negros escravizados durante o período colonial no Brasil, a partir de suas próprias perspectivas; A perspectiva realista se coloca na obra, exposta pela extensa pesquisa sobre a história da escravidão no Brasil feita pelo autor da HQ. Uma atualização dessa história aparece como a proposta crítica do trabalho que mostra a versão do que aconteceu do ponto de vista de protagonistas negros.

Já em *Roseira, Medalha, Engenho e outras histórias*, de Jefferson Costa (2019), a linguagem popular é inserida como elemento estético na obra,

89 Disponível em < <http://www.guiadosquadrinhos.com> > Acesso em 24 de junho de 2020.

o jeito como o povo da região se expressa e seu uso cotidiano da língua aproximam o leitor do ambiente criado pela narrativa ao expor entonações e sotaques graficamente, fazendo um uso do texto que só é possível na mídia das Histórias em Quadrinhos. A relação entre cultura e língua se destaca nessa obra;

Por fim, em *Contos dos Orixás*, de Hugo Canuto (2019), o futuro se apresenta na referência à Jack Kirby. Influenciado pela ficção científica e pela corrida espacial o autor se baseava numa miscelânea de texturas, cores e grafismos que evocavam as noções de tecnologia e futuro em evidência nos anos 1960 (POSADA, 2019). Canuto usa isso para construir sua visão da história dos Orixás, destacando a ancestralidade africana trazida pelo modo como essa cultura se integrou às práticas brasileiras. Tanto na criação das vestimentas quanto nos cenários, o aspecto futurista se mistura com texturas e grafismos africanos criando um universo único, Afrofuturista. Elementos característicos de cada Orixá, – como a cor vermelha para Xangô ou as duas espadas de Ogum – são revistos pelo traço de Canuto que, emulando o estilo de Kirby, inventa o seu próprio, respeitando a iconografia de matriz africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise acima é possível notar uma expressiva produção em diferentes gêneros, mas ainda em expansão quando se trata do Afrofuturismo. As características do Afrofuturismo aparecem principalmente na forma – argumento, roteiro e design das páginas, diferentes do conteúdo afrofuturista que se destaca no extenso conjunto de produções norte-americanas. Ao mesmo tempo, a análise expõe nas obras elementos culturais arraigados no Brasil, como o racismo estrutural presente nos registros históricos oficiais sobre o período da escravidão, a mitologia Yorùbá, e a linguagem popular expressa graficamente e inserida como elemento estético. Portanto, examinar o contexto da produção de quadrinhos afrofuturistas no Brasil é também investigar sua relação com as transformações sociais que o influenciam e são por ele influenciadas.

O Afrofuturismo é o resultado estético de uma série de transformações culturais, políticas e sociais que tiveram seu efeito bem documentado

e analisado por estudos acadêmicos principalmente norte-americanos. Merece, portanto, uma atenta pesquisa em outros espaços e realidades, como é o caso do Brasil. Eis aí uma oportunidade de contribuição para o conhecimento acadêmico, e um chamado à investigação que pretendo atender. Justamente por entender que essa pesquisa não pode ter seu valor suprimido com base em preconceitos que os considerem menos relevante por tratar de elementos muito específicos ou menos importantes que outros à partida.

REFERÊNCIAS

- CANUTO, H. **Contos dos Orixás**. Salvador: Hugo Canuto. Autor independente, 2019.
- COSTA, J. **Roseira, medalha, engenho e outras histórias**. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2019.
- D'SALETE, M. **Cumbe**. São Paulo: Veneta, 2014.
- DERY, M. Black to the Future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: DERY, M. (Ed.). **Flame Wars: The Discourse of Cyberculture**. Durham: Duke University Press, 1994. p. 179–222.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. Volume 1: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GROSGOUEL, R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais**: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Periferia*, v. 1, n. 2, p. 41–91, 26 dez. 2009.
- MAIGRET, É. Bande dessinée et post-légitimité. In: **La Bande dessinée: une médiaculture**. Paris: Armand Colin, 2012. p. 130–148.
- MIGNOLO, W. D.; WALSH, C. E. **On Decoloniality**. Durham: Duke University Press, 2018.

- POSADA, T. **Afrofuturism, Power, and Marvel Comics's Black Panther**. *The Journal of Popular Culture*, v. 52, n. 3, p. 625–644, 12 jun. 2019.
- QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Ed.). **A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Tradução: Julio Cesar Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 227–278, 2005.
- SANTOS, B. DE S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Cortez Editora, 2009.
- SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2019.
- WOMACK, Y. L. **Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture**. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.
- YASZEK, L. **Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism**. *A Virtual Introduction to Science Fiction*, n. 180, p. 1–11, 2013.
- YASZEK, L. **Afrofuturism in American science fiction**. In: CANAVAN, G.; LINK, E. C. (Eds.). *The Cambridge Companion to American Science Fiction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 58–69.

ENEGRECENDO A ACADEMIA E AS ARTES

**DIÁLOGOS SOBRE RACISMO EPISTÊMICO,
ENSINO ANTIRRACISTA, FEMINISMOS
NEGROS E POVOS SUBALTERNIZADOS**

Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo
Eva Dayane Almeida de Góes
Walkyria Chagas da Silva Santos
Maria do Carmo Rebouças dos Santos
Richard Santos
ORGANIZADORES

Tipografias utilizadas:
Família Museo Sans (títulos e subtítulos)
Adobe Garamond Pro (corpo de texto)

Papel: Offset 75 g/m²
Impresso na gráfica Trio Studio
Janeiro de 2022